

## ESCRITAS DE SI E IDENTIDADE: O DISCURSO DO SUJEITO -PROFESSOR DE LÍNGUAS EM QUESTÃO

Beatriz Maria ECKERT-HOFF<sup>13</sup>

**Resumo:** Neste estudo, partimos da problemática dos cursos de formação, que atribuem ao sujeito-professor uma identidade fixa, estável, montada sobre binarismos — desconsiderando a complexidade que envolve o sujeito, proveniente de sua história de vida —, postulamos a heterogeneidade do sujeito e questionamos a sua identidade. Nosso propósito é mostrar o descentramento da identidade, via o “falar de si”, para compreendermos a relação do sujeito-professor com sua formação. Para tanto, constituímos o corpus com sete professores do ensino fundamental e médio de SC e sete da região de Campinas. Nossa base teórica e metodológica é a Análise do Discurso de linha Francesa.

**Palavras-chave:** Identidade. Escrita de si. Sujeito-professor. Discurso.

**Abstract:** In this study, we have started from the issue of formation courses, which attribute to the subject-teacher a fixed, stable identity mounted on binaries - ignoring the complexity that involves the subject, from his life history - , we have postulated the heterogeneity of the subject and questioned his identity. Our purpose is to show the decentralization of identity, by the "talking of himself," to understand the relationship between the subject-teacher and his formation. Therefore, the corpus consists of seven teachers of elementary and high school in SC and seven others in the region of Campinas. Our theoretical and methodological basis is the French Discourse Analysis.

**Keywords:** Identity. Writing of oneself. Subject-teacher. Discourse

---

<sup>13</sup> Beatriz Maria Eckert-Hoff é Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP. Atualmente é Diretora de Graduação e Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão no UNIANCHIETA; Professora convidada no curso de Mestrado em Linguística Aplicada da UNITAU; Pesquisadora, integrante do grupo de pesquisa CNPq/UNICAMP, coordenado pela prof. Dr. Maria José Coracini; Pós-doutoranda na USP, no Programa de Letras Modernas. E-mail: [eckert01@terra.com.br](mailto:eckert01@terra.com.br)

*Então escrever é o modo de quem  
tem a palavra como isca: a palavra  
pescando o que não é palavra.  
Quando essa não-palavra morde a isca,  
alguma coisa se escreveu.  
Uma vez que se pescou a entrelinha,  
podia-se com alívio jogar a palavra fora.  
Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca,  
incorporou-a.  
(Clarice Lispector)*

Neste artigo objetivamos fazer uma breve exposição do livro “Escritura de si e identidade: o sujeito-professor em formação”, publicado pela editora Mercado de Letras, com apoio FAPESP – obra esta que se originou de minha tese de doutoramento, originalmente intitulada *O falar de si como (des)construção de identidades e subjetividades no processo de formação do professor*, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, com estágio-sanduíche na ESES, Portugal. Neste estudo, problematizamos a identidade do sujeito-professor de línguas, via linguagem, por meio de escritas de si.

Pensar a relação do sujeito com a língua nos remete, inicialmente, a Pêcheux (1988, p. 51), quando afirma que “nenhuma língua pode ser pensada completamente, se aí não se integra a possibilidade de sua poesia”, que é o não-todo, o impossível, a porosidade, isto é, o equívoco da língua.

Na “poesia” do falar de si (objeto deste estudo), as palavras jogam entre as fronteiras da possibilidade e da impossibilidade de se dizer, já que o sujeito, conforme Robin (1993, p. 07), fica sempre na borda, na margem, onde o estranho e a estranheza vêm se atar a ele mesmo, ao maternal, ao fantasma da língua ou a esta impossibilidade de habitá-la.

Da noção de língua como equívoco, infere-se que o sentido jamais está colado à palavra, a edificação de uma língua, a tentativa de edificar um sentido é sempre furtada. As “letras” enunciadas são sempre imprevisíveis, representam a confusão, denunciam um lugar de sentidos fugidios, fluidos, não controláveis. Em vista disso o sujeito busca sempre restituir a adequação imaginária entre as palavras e as coisas, entre a presença e a ausência, entre o que falta e o que excede. Vale lembrar a proposição lacaniana “penso

onde não sou, sou onde não penso”, postulando, assim, a noção de sujeito múltiplo, cindido, cujas palavras sempre (lhe) escapam.

A constituição do eu, desse modo, está implicada com o lugar do Outro. O Outro é a matriz simbólica que determina a relação do sujeito com a imagem e o objeto (Lacan, 1966). Cabe dizer que o *outro* é o semelhante, com quem o sujeito se relaciona e no qual se reconhece, e o *Outro* — tesouro do significante, inomeável, estranho e estrangeiro a si mesmo — é linguagem, é fala, é resíduo que fica e age.

Em todo discurso, portanto, há alteridade: é um *eu Outro* e um *Outro eu* quem fala, havendo sempre uma incorporação, uma não-separação, uma metamorfose. Por isso, não é possível estabelecer os limites entre o eu e o Outro, já que entre o eu e o Outro há sempre uma fronteira porosa, um jogo, uma descontinuidade, uma passagem escorregadia (ROBIN, 1997, p. 17) — dada à alteridade constitutiva do sujeito. Nesse sentido, o sujeito é dividido e estranho a si mesmo, o Outro é a face oculta de sua identidade. É sempre “a partir do outro [que] eu me reconcilio com a minha própria alteridade-estranheza, que jogo com ela e vivo com ela” (KRISTEVA, 1994, p. 191).

Dessa perspectiva, compreendemos identidade, em nosso estudo, como as múltiplas e complexas identificações do sujeito que formam a identidade do eu. Ela não existe em si mesma, é incessantemente reconstruída pela relação com o outro. Ela joga sempre num duplo registro, narciso-vampiro. Narciso não ama, senão sua imagem que contempla ao mirar-se no espelho. Já o Vampiro é a impossibilidade de contemplar a própria imagem.

O mito de Narciso é conhecido como o jovem que contempla sua própria beleza refletida num lago de águas claras; ele se apaixona pela própria imagem e, ao tentar alcançá-la afoga-se nas águas do lago. Na versão da mitologia grega Narciso, filho de Cefiso e da Ninfa Liríope, da Beócia, era um jovem de extraordinária beleza; o adivinho Tirésias havia predito que ele viveria enquanto não se visse. Desprezou os amores de Ninfa Eco, que secou de mágoa. Voltando um dia da caça, inclinou-se para beber água numa clara fonte, onde, pela primeira vez, viu seu semblante. Apaixonou-se por si mesmo. Desesperado por não poder se unir ao objeto de sua paixão, após tentativas infrutíferas, cai extenuado e ali desfalece. Choraram as Ninfas, as Driades e as Náíades e já prepararam as tochas para a cerimônia do sepultamento, mas o corpo havia desaparecido. No seu lugar, encontraram uma flor, cor de açafão, com a corola cingida de flores brancas (Dicionário de mitologia grega, 1965, p. 178).

Numa versão de Oscar Wilde, após a morte de Narciso, o lago se transforma; de um lago de água doce, passa a ser um cântaro de lágrimas salgadas. Questionado, pelas Oreiades<sup>14</sup> do bosque, se o motivo de tantas lágrimas era por não poder mais contemplar a beleza de Narciso, o lago surpreende-se e pergunta se Narciso era belo. Em seguida, justifica que chora por Narciso sem saber se ele era belo, chora, porque todas as vezes que Narciso se deitava sobre suas margens para contemplar sua imagem, o lago podia ver, no fundo dos olhos de Narciso, a sua própria beleza refletida.

Ambas as versões do mito nos revelam o ato de pensar-se em si mesmo. Narciso é símbolo da atitude autocontemplativa, introvertida e absoluta que aflige o sujeito. Esse mito alerta para a incapacidade de reconhecer o outro, alerta para a ilusão de inteireza, para a fascinação do eu que se afoga em si-mesmo-no-Outro.

O mito do Vampiro é o das perversões: os mortos não morrem e os vivos não vivem; noite e dia são invertidos em suas funções; o velho se alimenta do novo e o novo não chega a ser. É a incapacidade de reconhecer a morte: a morte é, ela mesma, a ausência de significado, a impossibilidade de simbolização.

A partir desses mitos entendemos que Narciso e Vampiro remetem a um mesmo ponto: à incapacidade de reconhecer a alteridade. No jogo de espelhos, Narciso acredita estar vendo o outro, quando vê a si mesmo, sua própria imagem, já que é incapaz de enxergar o outro. O Vampiro, por sua vez, não só não se vê no espelho, como também não suporta a visão do outro: diante do outro, do estranho, do diferente, tenta torná-lo um igual, torná-lo um seguidor.

Se, com Narciso, a experiência vivida era a da ambiguidade (a ilusão do reflexo), com o Vampiro chegamos ao limite mesmo da experiência: não havendo vida nem morte, tampouco há ambiguidade. Enquanto o Narciso (ilusoriamente) contempla sua inteireza; o Vampiro, diante da estranheza, busca tornar-se um mesmo. O duplo Narciso-Vampiro sempre joga nas bordas da própria identidade, é o lugar onde se atam e desatam os fragmentos, aquilo que evidencia o equívoco, o impossível, a heterogeneidade, a incompletude do sujeito, é a metamorfose da identidade porque entre o eu e o outro, entre a identidade e a alteridade, não há limites, não há fronteiras definidas, há sim uma descontinuidade, uma passagem escorregadia. Compreendemos que a identidade do sujeito sempre joga nas próprias bordas, o duplo Narciso-Vampiro é

---

<sup>14</sup> Oreiades — “Deusas do bosque”.

sempre perseguido — quando o sujeito se presentifica, ao falar de si — enquanto desejo de transparência e, ao mesmo tempo, como impossibilidade de se contemplar.

O estudo nos leva a compreender a identidade como fugidia, imprevisível, constitutivamente híbrida. Está sempre dividida entre a identidade “à la carte” — o menu que possibilita (ilusoriamente) as escolhas, em função de um imaginário instituído — e um desmoronamento, um descentramento total. Esse duplo se imbrica, porque, na identidade “à la carte”, o menu de “escolhas” não permite esquecer os laços de pertencimento, os laços de filiação, já que o sujeito é, sempre e inevitavelmente, um pouco daquilo que perde, reinventa, esquece ou até que nega. Já no desmoronamento completo, não há limites, há sempre uma incorporação, uma não-separação, uma metamorfose que se perde entre o eu e o Outro — como o camaleão que muda constantemente de forma e de cor. Nessa metamorfose, ele não deixa de ser um para ser outro: o Um está amalgamado no Outro.

É com esse olhar que se compõe a trama teórica – **capítulos 1 e 2 da primeira parte da obra** – urdida no tear de fios que se encontram no entrecruzamento da Análise de Discurso e da Psicanálise que não apagam os conflitos, as contradições, ao contrário, com elas trabalham para urdir as noções de linguagem, sujeito e discurso, acima apresentadas, em que a falta e a heterogeneidade são elementos constitutivos.

Nosso olhar interpretativo das histórias de vida, tomadas como escritas de si – **segunda parte da obra** – trama, em seu **primeiro capítulo**, a forma como compreendemos os relatos de História de vida: como um retorno à memória e nesse retorno, não há controle se é o imaginado ou o rememorado, já que os limites entre ficção e realidade são tênues (ROBIN, 1997); de ambos, podem-se vislumbrar lampejos de subjetividade, rastros do sujeito cindido. desejos adormecidos “às vezes de forma insabida por ele mesmo, já que o sujeito se diz mais do que pensa ou pretende” (BRANDÃO, 2001, p. 157). E é nesse sentido que compreendemos os relatos de histórias de vida dos sujeitos-enunciadores: como uma escritura de si. A partir dos estudos derrideanos, compreendemos que tanto a escrita como a fala constituem uma escritura. E esta é sempre “autobiográfica, na medida em que expresse com propriedade as tensões derivadas do contato com as oscilações entre a certeza e a incerteza de ser” (KOVADLOFF (1991), *apud*, BARTUCCI (2001, p. 383).

É importante esclarecer que entendemos memória como interpretação, invenção, ficção, rememoração, em que o esquecimento faz parte do agenciamento do passado.

Podemos citar como exemplo Beckett (1986, p. 23) que, ao escrever sobre Proust, afirma este autor ter má memória, porque “o homem de boa memória nunca se lembra de nada, porque nunca se esquece de nada”. Por isso é que, buscar fios na memória e traçar a escritura, é rastrear inscrições no corpo, a partir da intervenção do Outro.

Ao falar de si o sujeito se coloca em cena e encena um lugar, se “e(in)screve”, se (re)inventa, “trabalha diferentemente a voz do Outro, apagando-se, ausentando-se, mas e(in)screvendo-se, sempre, com seu traço, num movimento de presença/ausência, que é condição de possibilidade de qualquer escritura” (ECKERT-HOFF, 2008, p. 76).

*Interpretamos essas histórias de vida a partir de marcas recorrentes na materialidade linguística, que compõem os outros três capítulos da segunda parte da tese. No segundo capítulo da segunda parte Para (des)estabilizar as fronteiras ocupamo-nos da marca linguístico-discursiva “novo” e “não é para, mas tem que...”, uma vez que tal análise possibilita desconstruir as dicotomias e buscar uma certa exterioridade em relação à totalidade da era logocêntrica e, vez ou outra, capturar momentos de identificação do sujeito-professor. Essas marcas denunciam o conflito entre a teoria e a prática do e no professor, com relação ao seu fazer pedagógico; sempre na tentativa de excluir o antes (velho)”, ao mesmo tempo em que marca a tentativa do professor de apagar o outro, mostrar-se uno, homogêneo (“dizem os especialistas que não se deve fazer x, mas eu sei que, na prática, é preciso fazer x.”).*

É recorrente a marca do “novo”, do diferente, do inusitado, em que os sujeitos evidenciam a posição de professor inovador, anseiam por algo a mais, por um outro modo de fazer e de ser-professor, diferente daquele de suas experiências, dando valor à voz do saber teórico, à voz da formação mais recente. É recorrente também, em algumas falas, o modalizador “tem que”, cujo dizer aponta para a posição de professor que valoriza a experiência vivida, o saber-fazer construído ao longo de uma prática, demarcando, assim, uma fronteira entre o dentro e o fora, a tentativa de fixar-se numa dada identidade.

A análise nesse capítulo nos mostra que não é possível falar em identidade fazendo separação entre o que fica fora e o que fica dentro; é preciso empreender tanto as transformações, entendidas como metamorfoses camaleônicas, quanto os efeitos de saber que vão se imbricando ao longo da história de vida. A demarcação entre isto ou aquilo não é possível, as fronteiras entre o velho e o novo são fluidas, mesmo a travessia desses limites impossibilitaria verificar onde acaba um e onde começa outro. Isso nos

leva a entender que o “ser” professor está marcado por uma identidade híbrida, que se perde na metamorfose do um e do outro. Seu fazer é marcado “pelo descentramento e com fronteiras sempre porosas entre o exterior e o interior” (BIRMAN, 2000, p. 92).

É pertinente salientar que, a partir do gesto de interpretação, entendemos que há dois discursos fortemente autoritários: o da teoria e o da prática. Essas duas vozes estão em conflito; no entanto, o valor é dado à voz da teoria. O sujeito-professor confere um valor de verdade aos cursos de formação, em função das relações de poder-saber que entram em jogo. Daí, a intenção e as leis do dizer ‘autorizarem’, dado o lugar discursivo de enunciação — projeções imaginárias —, que seja dito isso (um novo fazer) e não aquilo (velho).

Isso evidencia que, se as identificações são diversas, conflituosas e desordenadas, o fazer do sujeito-professor não pode ser marcado por um antes e um depois de um período de formação. Há a ilusão de que podemos ter o controle, uma vez que as fronteiras do dentro e do fora não podem ser delimitadas. No entender de Robin (1997), os limites entre real e ficção, entre o eu e o Outro são fluidos, imprevisíveis; a passagem é escorregadia. Nos dizeres analisados, os fazeres do professor (antes e depois / velho e novo) não são oposições binárias (logocêntricas); eles se mesclam e “fazem supor identidades fragmentadas, fraturadas e multiplamente construídas ao longo de sua história, das experiências vividas, em que a presença do outro provoca deslocamentos, re-significações e constitui nossa subjetividade” (CORACINI, 2000, p. 8).

No **terceiro capítulo da segunda parte** *Na alteridade-estranheza: a heterogeneidade fundante* trabalhamos com a análise da denegação interpretada como “furo do não-um no tecido do dizer”, já que toda negação traz, de forma subjacente, a voz, indesejável, da afirmação a contradizer o que é dito. É entendida então como uma presença feita de ausência, não só como negatividade constitutiva da linguagem, mas também como presença denegada do que está recalcado. Essas marcas denunciam, seja pelo efeito da contradição, seja pela negação do Outro, seja pela afirmação do outro que marcou momentos de sua carreira, as híbridas vozes que os constituem.

No entrecruzamento dos *nós* (des)atados, afloram pontos de singularidade, proximidade e distanciamento entre os enunciadores. Os dizeres dos sujeitos-professores se aproximam no sentido de denunciar, pela negativa, o *não-um* que lhes é constitutivo. A negação que se apresenta no intradiscurso mascara (ainda que ilusoriamente) a presença interdiscursiva do Outro.

É mister ressaltar que, mesmo que a questão de entrevista tenha orientado o sujeito-professor a relatar acontecimentos do percurso de vida que marcaram seu fazer em sala de aula, a revelar acontecimentos de seu percurso pessoal e profissional que contribuíram para que se tornasse professor de Português, a dizer como transcorreu a formação, ou ainda, a relatar o seu fazer em sala de aula, verificamos que os sujeitos não falam exatamente do que lhes foi solicitado. Emergem em seu dizer vozes de diferentes lugares, negadas e / ou abarcadas, ainda que de forma inconsciente. Nesse falar o sujeito-professor denuncia o outro (seu semelhante) / o Outro (inominável, estranho e estrangeiro), que marca seu ser e seu fazer, embora, por vezes, de forma camuflada.

O que analisamos com o estudo, é uma imbricação de vozes, no dizer desses sujeitos, que entram, ainda que de forma inconsciente, na constituição do sujeito e de seu discurso. Sob esse enfoque, podemos entender que o sujeito-professor é pulverizado por identidades híbridas, metamorfoseadas, que descortinam o *não-um*, o exterior constitutivo e mostram a heterogeneidade que o constitui.

No **quarto capítulo da segunda parte** *O falar de si: um olhar outro da/na formação* analisamos a possibilidade e da (im)possibilidade de se dizer, pelo ato confessional, não simplesmente como algo que se revela ao outro, mas como aquilo que se esconde ao próprio sujeito, “rastros do sujeito do inconsciente que emergem pelo equívoco, pelos furos da linguagem”. Os (dis)sabores que emergem do falar de si, perpassados, fortemente, pelo discurso religioso, formam um encadeamento na teia discursiva: pecado ↔ culpa ↔ sacrifício ↔ redenção ↔ gozo, em que: o pecado sempre advém de um possível “erro” que o sujeito-professor pensa ter cometido (ou possa vir a cometer) em relação ao aluno, ao fazer-pedagógico e até mesmo em relação ao “ser” professor; a culpa advém do possível “insucesso” de suas aulas, de si, e mesmo de seu aluno; o (dis)sabor do sacrifício é enunciado no sentido de dedicação, de doação total; a redenção vem requisitada sempre no sentido da própria denúncia de suas possíveis falhas e do confesso de suas (in)satisfações; o gozo exala e se plenifica pelo sopro das poeiras labirínticas que desvendam o in-sabido desejo que se mostra (in)atingível, pelas faltas que (ilusoriamente) se mostram preenchidas. Essa cadeia ganha força e sangue na constituição do discurso do sujeito-professor e denota identificações que constituem a identidade do eu, cindida, heterogênea.

Além do ato confessional, observamos que a identidade multifacetada do sujeito se mostra, também, na dispersão pronominal que ecoa pela voz do ventríloquo pela qual



os sujeitos-professores se enunciam por *eu... nós... teu... você... a gente*. Ora é o eu-outro que fala, ora é o outro-eu que se perde na confusão do eu-nós: em “eu” sempre tem um pouco de “você” e em “você” tem um pouco do “eu”, misturando-se com as várias texturas do *eu-você-nós-a gente* que aí se identificam.

Observamos que o sujeito que fala é também aquele de quem ele fala; pois, em todo dizer, emergem traços, fragmentos desse sujeito cindido. Sempre e inevitavelmente, ao falar da formação, de fatos, de ações, é de si mesmo que o sujeito-professor fala; já que, como mencionamos anteriormente, é a palavra que fala do sujeito e não o sujeito que controla a palavra. Pudemos verificar que essa confissão de si revela sempre “um ‘eu’ que, em vez de mônada, é uma espécie de caixa de ressonância que vibra e repercute todos os fenômenos que o tocam” (KEHL, 2001, p. 79); isso revela que o sujeito se constitui pela incompletude, que a sua identidade é descentrada, fluida e confusamente camaleônica.

Assim, a dispersão pronominal e o ato confessional – tanto no sentido cristão de penitência, de culpa, de redenção, quanto no sentido de autocrítica, de pacto social – revelam o que se esconde *no* e *ao* próprio sujeito, e fazem emergir, não apenas a voz do sujeito que se presentifica (de forma consciente), conforme afirma Freud (1908), mas seus próprios sonhos, desejos, devaneios, recalques, frustrações que encontraram lugar para irromperem.

Se eles encontram lugar para irromperem, torna-se imprescindível que essa escritura de si encontre lugar, espaço nos cursos de formação, como forma de (talvez) compreender a complexidade que constitui o sujeito, a complexidade de sua identidade.

No **gesto de fechamento da obra concluímos** que, na (vã) tentativa de edificar uma identidade, de revelar a sua inteireza, de demarcar uma fronteira entre isso e aquilo, o discurso do sujeito revela que, entre o eu e o Outro, entre o dentro e o fora, há sempre uma descontinuidade, as fronteiras são porosas. Por mais que o sujeito tente camuflar e fixar uma identidade de professor, depara-se com a alteridade-estranheza que o constitui e denuncia desejos, frustrações, devaneios, sabores e dissabores, verdadeiras confissões, que revelam a multiplicidade de identificações que formam a identidade do eu, sempre híbrida, complexa, heterogênea, perdendo-se na metamorfose camaleônica da subjetividade. Isso nos leva a compreender que o trabalho com histórias de vida, tal como se apresenta no estudo, deve ter espaço nos cursos de formação, uma vez que permite um passo a mais em direção a um certo *saber sobre si*, sobre o outro e sobre o

seu fazer, deslocando, inevitavelmente, as vicissitudes de seus desejos, de suas falhas.

Os entrelaces da trama mostram que o sujeito-professor é constituído de dobras que formam a identidade *à la carte*, que significam e que se acumulam na trajetória de cada um. Vimos que, por vezes, a “marca identitária” está na manifestação discursiva do corpo subjetivado em si mesmo; outras vezes, está naquele que não quer se dizer; outras vezes ainda, está no outro, na busca de si-mesmo-no-outro, no espelho que não reflete.

Por mais que o sujeito-professor tente camuflar e fixar uma identidade de professor, seja no seu próprio corpo (subjetivado em si mesmo), seja naquele que não quer dizer, seja no corpo do outro, aparece a alteridade-estranheza que o constitui. De acordo com Coracini (2000a, p. 13), compreendemos que tal camuflagem se explica pelo desejo de unicidade, de homogeneidade, de controle que caracteriza a cultura ocidental.

Entendemos que entre o eu e o Outro, entre o novo e o velho, entre a teoria e a prática, entre o ser e o fazer, entre isso e aquilo, há sempre uma descontinuidade e as fronteiras são porosas. Os gestos de interpretação permitem compreender que a multiplicidade de identificações que formam a identidade do eu é sempre híbrida, complexa, heterogênea e se perde na metamorfose dos duplos — Narciso-Vampiro — que constitui o sujeito.

Segundo Coracini (2000a, p. 7), o sujeito-professor se constitui por

*vozes que vão tecendo a sua subjetividade a cada momento, tomado por identificações que, longe de fixarem o sujeito, estabilizando suas características, o transformam num sujeito em processo, em constante transformação (CORACINI, 2000a, p. 7).*

*Disso decorre que a identidade está em constante processo de construção, no qual o sujeito se constitui, no qual o sujeito produz discurso, no qual o sujeito se relaciona, se constitui no/pelo Outro, instaura uma historicidade e marca sua heterogeneidade.*

Por isso que a prática de (se) dizer, isto é, o trabalho com histórias de vida, deve ter espaço nos cursos de formação, não para extorquir disso uma prova, um conhecimento, mas algo a ser interpretado, que permita *saber* (passar pelo corpo), experimentar algo a mais sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o seu fazer. Espaço para o “eu” se dizer e não os outros (cursos de formação) dizer pelo e para o sujeito-professor em formação, já que “é no ato de testemunhar, ou de narrar, ato de fala endereçado a um

outro, que o vivido se constitui como experiência” (KEHL, 2001a, p. 14).

*É nesse sentido que se faz necessário implementar, nos cursos de formação, o trabalho com relatos de histórias de vida, para que o professor (quase sempre silenciado por alguma razão) encontre espaço para se dizer. É preciso compreender que o colocar-se em cena “incita, suscita, produz; não é apenas olho e ouvido; faz agir e falar” (FOUCAULT, 1977, apud, CORACINI, 2003, p. 2). Se faz agir e falar, provoca um outro sentido ao vivido e permite um passo a mais em direção a um certo saber sobre si mesmo, deslocando, inevitavelmente, as vicissitudes de seus desejos, de suas falhas.*

## Referências

BARTUCCI, G. Uma psicanálise funda: sobre a eficácia clínica do processo de leitura. *In: BARTUCCI, G. (org.). (2001). Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação.* Rio de Janeiro: Imago, 2001, p.17-38.

BECKETT, S. **Proust.** Trad. A. R. Nestrovski. Porto Alegre: L&PM, 1986.

BRANDÃO, R. S. A vida escrita: os impasses do escrever. *In: BARTUCCI, G. (org.). (2001). Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação.* Rio de Janeiro: Imago, 2001, p.145-170.

BIRMAN, J. **Entre cuidado e saber de si: sobre Foucault e a psicanálise.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

CORACINI, M. J. Autonomia, poder e identidade na sala de aula. *In: PASSEGI L. & OLIVEIRA, M. do S. (orgs.). Linguística e Educação: gramática, discurso e ensino.* São Paulo: Terceira Margem, 2000.

\_\_\_\_\_. Subjetividade e Identidade do professor de Português (LM). *In: Trabalhos em Linguística Aplicada.* Campinas: IEL / UNICAMP, nº 36, jul./dez, 2000a.

\_\_\_\_\_. **A subjetividade na escrita do professor.** Pelotas: UCPEL / EDUCAT, 2003.

ECKERT-HOFF, B. M. E. **Escritura de si e identidade: o sujeito-professor em formação.** Campinas: Mercado de Letras / FAPESP, 2008.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** 4 ed. Trad.: A. F. Cascais e J. B. Miranda. Vega: Passagens, 1977.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. **Edição Standard Brasileira das obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1908, p. 147-58. (ed. consultada: 1976).

KEHL, M. R. “Minha vida daria um romance”. In: BARTUCCI, G. (org.). **Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p.57-89.

\_\_\_\_\_. Inscrever para lembrar, escrever para esquecer. In: COSTA, A. **Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência**. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2001<sup>a</sup>, p. 11-24, Prefácio.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros a nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LACAN, J. **Escritos**. Trad. V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1966 (ed. consultada: 1998).

PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. 2. ed. Trad. E. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1988 (ed. consultada: 1997).

ROBIN, R. **Le deuil de l'origine: une langue en trop, la langue en moins**. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Le Golem de l'écriture: de l'autofiction au Cybersoi**. Montréal: XYZ, 1997

#### **Obra consultada**

SPALDING, T. O. **Dicionário de Mitologia Greco-Latina**. Rio de Janeiro: Itatiaia Limitada, 1965.